O decálogo da indústria brasileira

Crescimento deve ficar entre quatro e sete por cento ao ano

IVAN PUPO LAUANDOS

A indústria avícola brasileira tem demonstrado uma forte capacidade de adaptação às mudanças de mercado. Tal vantagem competitiva foi desenvolvida principalmente nos últimos cinco anos, quando ocorreram transformações de cenário bastante significativas em todas as etapas da cadeia produtiva. Foram mudanças no perfil genético das linhagens, cambiais, no consumo, no mix de produto, nas matérias-primas, entre outras.

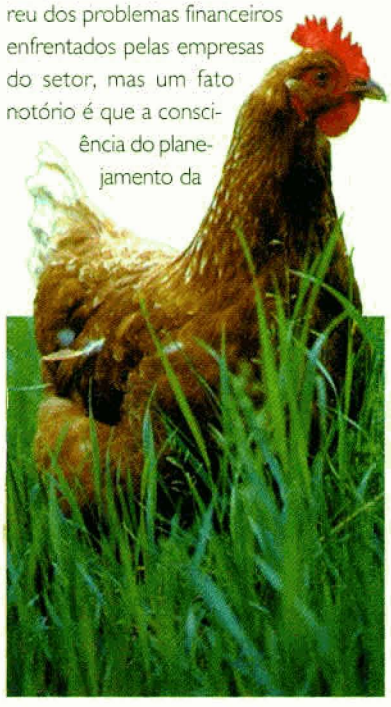
Uma avaliação das tendências do setor, em especial nos momentos de transformação, é sempre importante para fins de planejamento. As investigações sobre o futuro apontam para uma crescente participação das exportações na produção total, conquista de novos mercados internacionais, evolução no planejamento da produção, aumento das parcerias na própria cadeia produtiva, expansão geográfica da produção, melhorias na biossegurança, dolarização dos custos e concentração da produção nas empresas.

Vamos comentar o decálogo das tendências do complexo agroindustrial da avicultura de corte :

1. Planejamento da Produção

Após a crise causada pela super-oferta no ano de 2000, a indústria passou a balancear melhor a oferta de matrizes, pintos de corte, ovos férteis e carne de frango em relação à demanda. Observamos hoje respostas pontuais à elevação do consumo e não um crescimento desenfreado e sem planejamento como acontecia no passado.

Muitos analistas alegam que a desaceleração do crescimento em 2003 decorreu dos problemas financeiros enfrentados pelas empresas do setor, mas um fato notório é que a consciência do planejamento da produção está evoluindo. Existem fortes indicações para mostrar que falta de espaço para sustentar as altas taxas de crescimento apuradas no passado.



Nos próximos anos, o crescimento deverá ficar entre 4% e 7% ao ano. Os sinais são evidentes para verificar a mudança da estratégia de crescimento. Há um aumento da escala para reduzir custos e busca da agregação de valor em nichos específicos de mercado.

2. Ampliação Geográfica da Produção

Também se observa uma ampliação geográfica da área de produção, com a criação se expandindo nas regiões tradicionais, mas com maior crescimento nas regiões mais novas, onde o custo das matérias-primas é mais baixo e novos mercados de consumo estão se desenvolvendo.

	Acumulado	Outubro	
Milhões de Pintos	1999 a	2003 b	(b/a) %
Sul	1.498,8	1.792,0	19,6%
Sudeste	736,6	859,4	16,7%
Nordeste	230,2	237,8	3,3%
Centro Oeste	188,7	309,5	64,0%
Norte	32,3	38,4	18,9%

3. Dolarização do Custo de Produção

À exemplo do que se verifica na soja, o milho também segue a tendência de dolarização. Quando se considera a alta participação da ração no custo do frango vivo, que atingiu cerca de 81% em março/2003, chega-se a conclusão de que os custos do frango estão praticamente dolarizados.

As oscilações cambiais trazem forte impacto sobre o custo de produção e dificultam o repasse dos aumentos de custos no mercado doméstico. Essa foi a causa da dificuldade dramática vivida pelo setor no segundo semestre de 2002 e no primeiro semestre de 2003. Uma clara crise de custos.

4. Participação das Exportações na Produção Total

Essa participação cresce ano a ano. A importância dos embarques para a rentabilidade já é alta e prosseguirá crescente. A indústria precisa buscar novos mercados e consolidar a posição nos mercados já conquistados. Problemas com as exportações trariam sérios prejuízos à indústria. Como a carne de frango é uma commodity, qualquer aumento de volume no mercado interno derrubaria os preços.

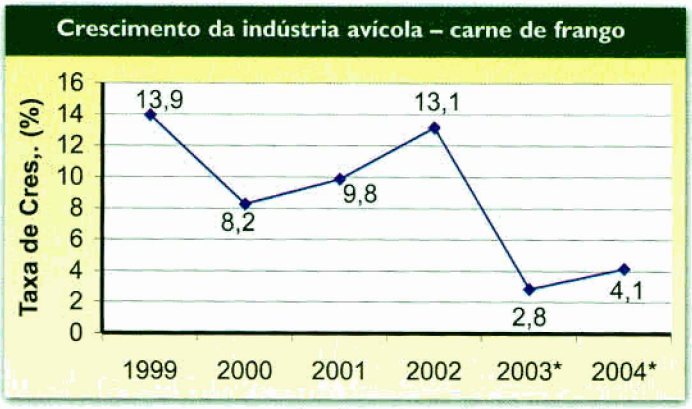
5. Agregar valor nas exportações

As empresas exportadoras brasileiras produzem aquilo desejado em cada mercado. A evolução das vendas de produtos de maior valor agregado mostra a estratégia a ser perseguida.

6. Formação de Parcerias

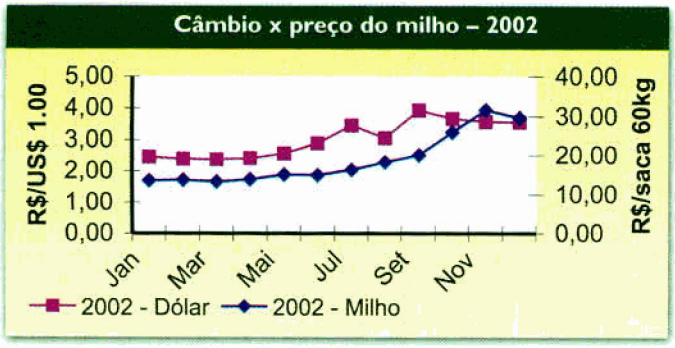
As parcerias também crescem na indústria avícola . Cada vez mais a integração de matrizes amplia seu espaço, sem a empresa investir em imobilizados, através da manutenção das granjas de recria como próprias e com a integração da fase de produção. A integração de matrizes representava cerca de 10% há cinco anos. Hoje, gira em torno de 40%.

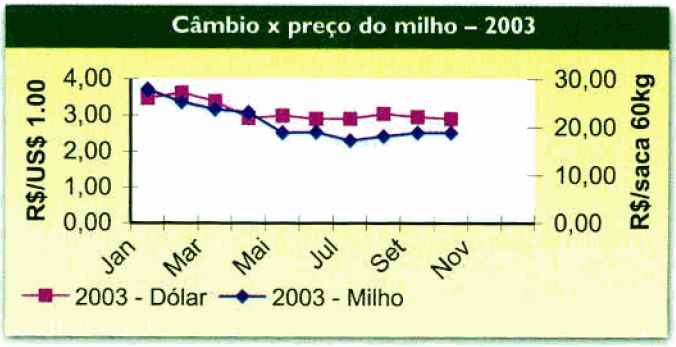
Os contratos de fornecimento de pintos e ovos férteis de longo prazo, junto com as prestações de serviços de incubação e industrialização também evoluem. Como o principal mercado da cadeia produtiva é o de carne de frango, o balanceamento da oferta é facilitado com a ampliação das parcerias.

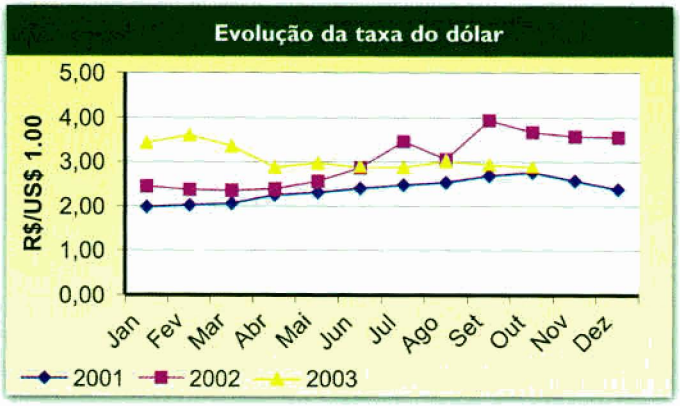


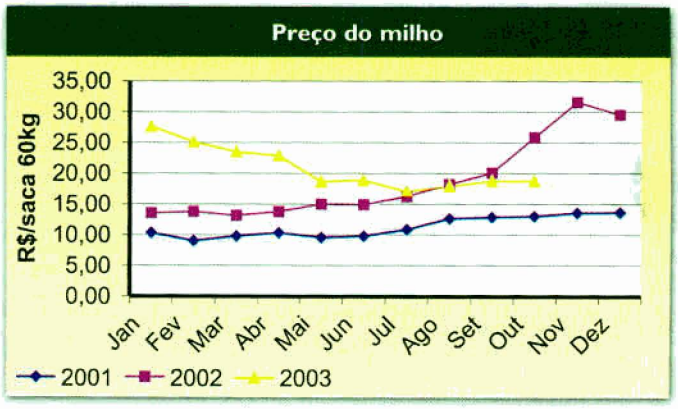
7. Ampliar Mercados

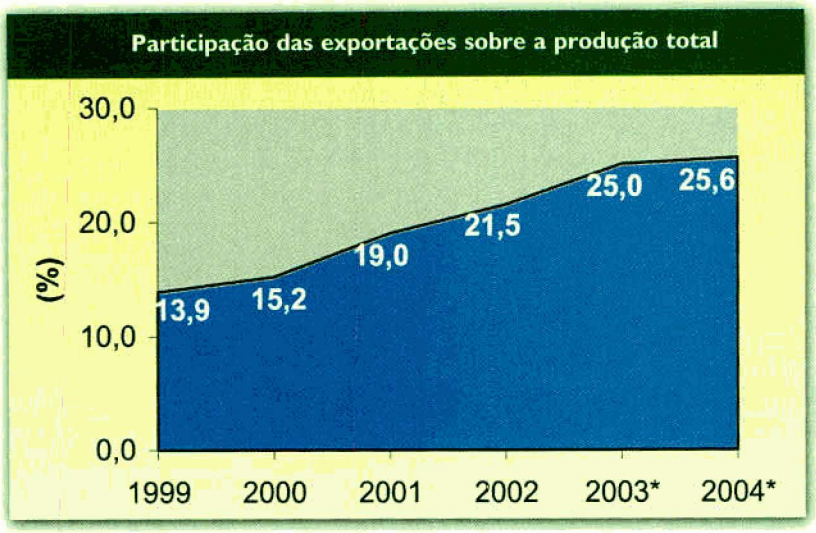
As mudanças mais impressionantes são aquelas relacionadas às exportações. Os importadores, por pressões internas dos consumidores ou por medidas protecionistas, ampliam as exigências, e a indústria brasileira se adapta com muita rapidez.











Podemos citar alguns exemplos: 100% de proteína vegetal na ração do frango, suspensão do uso de anticoccidianos e proibição de nitrofuranos.

Além dos aspectos ligados à saúde animal e segurança alimentar, a rapidez com que os exportadores brasileiros respondem a oportunidades de mercado em termos de variedade de produtos, disponibilidade e qualidade, impressiona. Tão logo conquistamos a oportunidade de fornecimento, em seguida consolidamos a conquista do mercado pela qualidade do produto e do fornecimento.

Ano	1999	2003
Número de países	75	111

Fonte: Informativos ABEF

8. Concentração de Produção

A concentração da produção tem crescido de forma gradual e consistente. Em quatro anos, as dez maiores empresas aumentaram em 10,1% a sua participação na produção. A indústria brasileira ainda é bastante pulverizada e a competição é elevada. O crescimento da concentração segue uma tendência mundial.

Empresas	1999	2002
5 maiores	30,5%	40,6%
10 maiores	42,8%	52,9%

9. Biossegurança

A biossegurança se torna a principal prioridade para a indústria avícola. Muitas mudanças estarão sendo implementadas pela indústria em conjunto com o Ministério da Agricultura. Um esforço conjunto para proporcionar maior segurança aos produtores que irão atender mercados cada vez mais exigentes.

10. Rendimento Industrial

É a característica genética a área a ser mais valorizada nos próximos anos. As empresas gradualmente vão se dar conta de que os rendimentos de peito, carcaça e coxa afetam diretamente a rentabilidade. Nossos concorrentes internacionais no mercado de carne de frango e algumas integrações brasileiras já valorizam o rendimento industrial como uma das características zootécnicas mais importantes.

As dez principais tendências relacionadas afetam direta ou indiretamente toda a cadeira produtiva. As empresas do setor precisam se adaptar às rápidas mudanças em curso em uma das mais dinâmicas e eficientes cadeias produtivas do agronegócio brasileiro. ■

IVAN PUPO LAUNDOS *é superintendente da Agroceres Ross*

Produção livre do Newcastle

O Brasil declara o sistema industrial de aves de nove Estados (SP, MG, GO, DF, MT, MS, PR, SC E RS) como áreas livres de newcastle, doença de origem viral considerada a principal barreira às exportações de carnes de aves. Esses estados respondem por 100% das exportações e 80% da produção. A importância do newcastle para as aves, do ponto de vista mercadológico, é a mesma da aftosa para bovinosA declaração ocorreu a partir de comprovação científica, pois há seis anos o Brasil não detecta a doença de newcastle em seu sistema industrial. O Ministério da Agricultura trabalha na manutenção desse status e também na ampliação da vigilância ativa, monitorando a movimentação de aves migratórias em mais quatro Estados do Nordeste. Na condição de segundo maior exportador mundial de carnes de aves (talvez alcance o primeiro posto este ano), ao declarar o sistema industrial livre da doença, o Brasil amplia o seu potencial de vendas para mercados consumidores importantes, como EUA, Canadá e, principalmente, os países asiáticos.

Brasil ultrapassa EUA e assume a liderança no frango

Em setembro, o Brasil assumiu a lideran- ça mundial na exportação de carne de frango, ultrapassando os EUA na receita apurada nos primeiros nove meses de 2003. De janeiro a setembro, as vendas externas do produto renderam ao Brasil US$ 1,3 bilhão, contra US$ 1,07 bilhão dos EUA.

Em volume, porém, os produtores norte-americanos continuam na frente. A explicação está no maior valor agregado do produto brasileiro, em especial do peito de frango. Enquanto os EUA alcançaram um preço médio de US$ 650/t para seu produto, o Brasil conseguiu US$ 893/t. (BB)

Até dezembro, segundo previsão da Abef, as exportações brasileiras de carne de frango devem somar US$ 1,850 bilhão.